

Entrevista conjunta - LEITURA(S): experiências culturais dos sujeitos na interconexão com o mundo e a sociedade contemporâneos

Questão 01: De que maneira as práticas de leitura podem ser mobilizadas como experiências culturais dos sujeitos para interconectarem com o mundo e a sociedade contemporâneos?

Prof^a. Dr^a. Jane Quintiliano Guimaraes Silva¹
(PUC Minas)

Para responder a essa pergunta, parece-me necessário assinalar, primeiramente, que falar de leitura consiste em uma tarefa complexa, pois tal termo detém acepções distintas conforme a abordagem teórica eleita e o campo disciplinar que a abarca. Isso, em outras palavras, sinaliza-nos que leitura não é um objeto circunscrito a uma determinada área de saber e/ou a uma abordagem teórica. Trata-se de um termo multivozeado, envolto de uma discursividade, isto é, de ditos e dizeres que, semântica e epistemologicamente, carregam sentidos diversos e distintos sobre o que é leitura, leitor, texto e, ainda, quando não se determina o quê e como se deve ler (texto/ obra e autor).

Assim, essa tarefa que me cabe, procurarei conduzi-la por um viés discursivo, alinhado à Análise de Discurso de linha francesa, campo disciplinar em que se situam minhas pesquisas sobre leitura. Dessa perspectiva, entendo que a leitura, como uma prática social, é um dos modos como o sujeito entra no mundo dos discursos da escrita e de outras materialidades discursivas. Ou seja, a leitura figura-se como um dos modos de o sujeito, como leitor, relacionar-se com a história, com seu tempo, com a sociedade, em suma, inscrever-se no corpo social.

É com sua inscrição nas práticas de leitura de uma dada sociedade que o sujeito-leitor vai construindo sua história de leituras, vai se fazendo leitor. Desse modo, em seu gesto de interpretação, na sua interlocução com os textos, o leitor vem carregado de palavras. Nessa interlocução, a leitura da palavra está atravessada pela leitura do mundo, processos que se implicam na constituição dos sentidos, no trabalho de compreensão do texto, no modo como o sujeito-leitor entra nas tramas discursivas do texto, estabelece

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da PUC Minas, atuando na graduação e na pós-graduação em Letras.

uma interlocução com o autor, constrói uma escuta às vozes que ali enunciam e, nesse gesto, pode apreender também outros ditos que estão à sombra ou silenciados no texto.

Nessa direção, a ideia de leitura transpõe aquela de que ler é um ato de decodificar o que diz o texto ou, em outros termos, de buscar, num movimento de descoberta, um sentido único, guardado a sete chaves no e pelo texto, visão essa que baliza ainda muitas práticas discursivas de nossa sociedade letrada, que preconizam a legitimidade de um sentido único, verdadeiro, transparente, apagando outros sentidos e interpretações.

Posto isso, volto-me à pergunta que me é apresentada, em cujo cerne, a meu ver, está uma questão crucial: o leitor na /da nossa contemporaneidade, o leitor da era da tecnologia digital. Sobre essa questão, muitos de nós, professores e pesquisadores de diferentes campos disciplinares, têm se debruçado na busca de construir e/ou aprofundar uma compreensão da relação do sujeito com os textos da cultura digital. Essa atenção se impõe, pois, como sabemos, com o advento das tecnologias digitais e a expansão da internet; surgem novos desafios para a leitura, os quais não se reduzem às questões de ordem técnica, mas se estendem ao campo social, cultural, educacional e político.

A esse respeito, é inegável que o leitor da cultura digital, diferente daquele da cultura do impresso, passou a lidar com imensos e dispersos bancos de dados (textos, imagens, sons, vídeos, etc.) sob a regência da lógica de algoritmos. Com e nessa arquitetura do digital, está-se diante de um novo cenário da sociedade da informação e comunicação, construído, sobretudo, por novas tecnologias da linguagem que acampam os modelos de inteligência artificial generativa, às quais os sujeitos estão submetidos e sobre estes exercem relações de poder, determinando o modo como o sujeito moderno se relaciona com a escrita e a leitura.

O sujeito está imerso em um amplo espectro de práticas discursivas, plurais e heterogêneas, constituídas (e se constituindo) por novas textualidades que vêm instaurando novos modos de produção e circulação de texto e consequentemente novos modos de ler e de escrever. São novas práticas discursivas que lançam o leitor a diferentes materialidades discursivas, a espaços multimodais, hipertextuais, caracterizados pela integração de múltiplas linguagens, pela navegação não linear. São práticas encarnadas na velocidade, na urgência do dizer e na fragmentação de textos e que impõem uma leitura sem demora.

Sob tais condições, o leitor está diante de uma textualidade móvel e infinita. Seu trabalho da leitura se marca por um trajeto sem fronteiras nítidas, movido por princípios da não linearidade, da interatividade e da virtualidade. Assim, o leitor enfrenta textos, cuja textualidade encarna uma dinamicidade, que a ele escapa a ideia de completude de uma unidade textual, com princípio, meio e fim. Isso, porque, em cada *clik*, pela via dos *links* e do hipertexto, o texto lhe apresenta sempre a se fazer, o que implica, da parte do leitor, um trabalho infinito de uma interlocução, que se tece num movimento que não se sabe o que vem antes ou o que virá depois, ou seja, o que constituiria seu início ou o que comporia a sua finalização.

Ainda, interrogar-se sobre o leitor contemporâneo, há de ter, no horizonte dessa discussão, o fato de que, no mundo digital, algoritmizado, no domínio das redes sociais, testemunhamos a abertura para um espaço discursivo polissêmico e volátil, em que se ambienta uma explosão de informações forjando outros sentidos ou narrativas, no bojo da qual pulula uma proliferação da produção de falsificações. E, o que é mais sério, a crença nessas falsificações, de seu reconhecimento como verdade.

Nessa cultura digital, somos todos afetados por um transbordamento de informações. Convivemos com um regime do anonimato. Os dizeres e ditos se espalham, apagando a sua origem e a responsabilidade autoral. Experimentamos, assim, uma saturação de discurso e sentidos que nem sempre se transformam em conhecimento e não se transformam em saber. Isso, em alguma medida, coloca por terra o “sonho” tão anunciado de que a internet e as tecnologias que a fazem funcionar abririam possibilidades de acesso a conhecimentos.

Sobre esse cenário e seus efeitos, longe de pensá-los numa visão apocalíptica, gostaria, para encerrar minhas observações, de assinalar que um dos desafios que nos impõe não é senão o de reafirmar a finalidade maior e talvez primeira da educação dentro e fora da escola, no que toca à formação leitora do sujeito: a de trabalhar a leitura como prática discursiva que aposta que ler é interrogar as palavras, duvidar delas, pois elas têm fissuras: ideológicas, culturais, sociais e históricas. Assim, o sujeito-leitor precisa aprender que ler é saber que os sentidos produzidos e postos em circulação em uma dada sociedade podem ser outros. Isso concorre para desnaturalizar discursos e seus sentidos que se apresentam fortes como javali, lembrando-nos aqui do nosso Drummond.

Questão 02: Como os projetos de leitura desenvolvidos na universidade, em diálogo com comunidades externas, podem contribuir para a formação integral dos estudantes e para o fortalecimento do compromisso social da educação superior?

Prof. Dr. Bruno Vasconcelos de Almeida²
(PUC Minas)

O projeto ‘LEITORES DA ALEGRIA: cartografias biblioterápis na cidade’ reúne um conjunto de atividades extensionistas centralizadas em práticas de leitura de textos literários. Quatro linhas de atuação caracterizam a maneira como a literatura é, nesse caso, pensada: como forma de resistência às adversidades (seu caráter social e político); como atividade clínica (seu caráter clínico); como formação (seu caráter humanista e ético); e, por fim, como necessidade estética (como expressão da cultura). O público-alvo é composto por pessoas em situação ou trajetória de rua, pessoas idosas, pessoas hospitalizadas, pacientes oncológicos em tratamento fora do domicílio, e pessoas em espaços públicos (de todas as idades). Os objetivos contemplam o desenvolvimento de vínculos, que aqui nomeamos como amizade; o exercício de uma clínica biblioterápica nos territórios urbanos envolvidos; e o uso da literatura para o enfrentamento das inúmeras dificuldades sociais, existenciais, de saúde e outras. O projeto conta com quinze parcerias institucionais, treze externas à PUC Minas, duas internas. A metodologia é composta de encontros preparatórios, da execução de sessões de literatura por meio da prática extensionista dos mediadores de leitura e, por último, de encontros de finalização. Do ponto de vista conceitual, Leitores da Alegria está fundamentado na Psicologia e na Saúde Coletiva, e tem suas âncoras nas práticas da esquizoanálise e da biblioterapia. O projeto contém momentos de formação/capacitação e é aberto a todos os cursos da Universidade. Espera-se que as ações de intervenção

² Pós-doutor em Filosofia pela UFMG e Doutor em Psicologia Clínica pela PUC SP. Professor na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Departamento de Psicologia.

contribuam para o enfrentamento das adversidades, para a reinvenção de si, para a formação de todos os envolvidos e para a difusão da leitura e da literatura como elementos essenciais da cultura, direito de todas e todos.

Leitores da Alegria contribui para a formação integral dos estudantes nos quatro eixos referidos acima na descrição do projeto: o eixo social e político, o eixo clínico, o eixo ético e humanista e, por fim, o eixo cultural. Na formação de nossos extensionistas o eixo social e político fica evidente quando lidamos com a multiplicidade e a diversidade da população brasileira, mas fica ainda mais destacado quando trabalhamos com grupos populacionais em situação de vulnerabilidade social. O eixo clínico se dá a partir do trabalho das equipes no âmbito da saúde. No Leitores, a clínica é compreendida como espaços-tempos de produção de subjetividade e de invenção de modos de existência; clínica afirmativa que aumenta a capacidade de viver e que reconhece a dimensão trágica da existência, sobretudo em contextos de adversidade. Quanto ao eixo humanista e ético, cada decisão, cada encontro, cada sessão de leitura, cada intervenção clínico-social, é objeto de discussão, problematização e aprofundamento; os vetores principais das ações extensionistas são definidos em duas estratégias: jogar a favor da vida e fazer o bem. Por fim, quanto ao eixo cultural, a literatura como expressão da cultura e direito de todas e todos, o projeto realiza cuidadoso trabalho de escolhas literárias que contribuem para o conhecimento geral dos envolvidos, como também para aquilo que podemos denominar como educação estética das equipes.

Por outro lado, o projeto fortalece o compromisso social da educação superior sob três aspectos: enquanto prática extensionista, enquanto agenciador de inúmeras parcerias e enquanto ativador de encontros, afetos, trocas e invenções de modos de vida. No primeiro caso, a extensão, elemento constituinte e fundamental da universidade, se caracteriza pelas interações como a sociedade civil, com organizações e instituições, com governos, com movimentos sociais, com a sociedade de maneira geral. No segundo caso, Leitores da Alegria tem um conjunto significativo de parceiros, com atuação em diferentes segmentos da sociedade. No terceiro, enquanto prática pública e de campo, as ações e atividades do projeto têm esse encanto de ativar encontros, mobilizar afetos, possibilitar trocas entre sociedade e universidade, e, vale dizer, inventar experiências na lida cotidiana com pessoas e grupos e, dessa maneira, gestar possibilidades e alimentar sonhos.

Uma nota a mais acerca do projeto: a equipe do Leitores lê para pessoas e grupos, em espaços públicos e privados, mas vai além, a equipe lê com pessoas e grupos e, ao fazer isso, cria relações, descobre afetos, possibilita amizades e espalha cultura. A riqueza da experiência neste primeiro ano de existência do projeto nos faz pensar que ainda vamos desencadear inúmeras alegrias nos encontros entre nossa equipe e os diferentes públicos-alvo. Alegrias da leitura, alegrias que aumentam a capacidade de viver.

Questão 03: Quais estratégias metodológicas e pedagógicas têm se mostrado pertinentes em experiências que articulam o conhecimento acadêmico com práticas culturais e sociais enraizadas nos vários contextos?

Profª. Maria Angela Paulino Teixeira Lopes³
(PUC Minas)

Para responder à questão, gostaria de iniciar com uma reflexão sobre a valoração ideológica marcada pelo(s) lugar(es) que ocupamos, na sociedade, e pelos conhecimentos (de ordem científica ou pragmática) que construímos. No que tange à articulação indissociável entre o ensino, a pesquisa e a extensão, em qualquer campo, a avaliação axiológica do sujeito, ligada aos valores éticos, estéticos, afetivos (Bakhtin, 2011), atravessa toda e qualquer escolha de estratégias metodológicas e pedagógicas.

No âmbito dos estudos da linguagem, lugar de onde eu falo, muitos autores, ainda que ancorados em linhas teóricas diferentes, nos lembram que a “realidade” é conhecida, apreendida, a partir da perspectiva de um sujeito. Segundo Volóchinov (2019, p. 317), “qualquer pessoa, ao conhecer a realidade, a conhece de um determinado ponto de vista”. Para o pensador russo, “a objetividade e a plenitude do ponto de vista (a medida da palavra à realidade) são condicionadas pela posição de dada classe na produção social.” (p. 318).

No *Curso de linguística geral*, obra organizada a partir de manuscritos e anotações de aulas proferidas por Ferdinand de Saussure, no capítulo destinado à definição do objeto da linguística, uma passagem problematiza o papel exercido pela visão do estudioso ao projetar seu objeto de estudo: “Bem ao contrário de que o objeto precede o ponto de

³ Doutorado em Estudos Linguísticos pela UFMG. Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto, e aliás nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras” (Saussure, 2021, p. 51).

No contexto brasileiro, também Freire (2016, p. 28), ao tratar do fazer docente, nos interpela a pensar a pesquisa, a formação e a prática sob a ótica da transformação e “da construção e da reconstrução do saber ensinado”. Ambos, educando e educador, são agentes no movimento que implica intervir no mundo, para conhecê-lo. Sob esse prisma, na prática educativa, tanto os sujeitos como o conhecimento carregam a própria historicidade. O pedagogo e filósofo acrescenta, ainda, que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, assinalando a ação crítica e responsável dos sujeitos nesse processo (Freire, 2016, p. 30).

As reflexões trazidas do pensamento desses três autores contribuem para pensarmos nos impactos que os modos como concebemos os objetos do conhecimento interferem na projeção do percurso metodológico a ser delineado, ou seja, as concepções de ensino, aprendizagem e pesquisa assumidas pelos sujeitos envolvidos nas ações de formação e intervenção definem os procedimentos metodológicos a serem agenciados.

Os movimentos desencadeados pelas pesquisas de viés discursivo-dialógico e sociointeracionista, desenvolvidas pela linguística aplicada, pela linguística enunciativa e pelas abordagens críticas do letramento, entre outros enfoques de base enunciativa e discursiva, podem contribuir para pensar as práticas de linguagem/com a linguagem constitutivas das práticas sociais de sujeitos perpassados por valores ideológicos, ou seja, histórica e culturalmente situados.

A depender dos enquadres teórico-conceituais que orientam o coletivo das atividades de ensino, pesquisa e extensão, será possível projetar as estratégias metodológicas e pedagógicas que irão subsidiar as práticas de intervenção. Estas, certamente, serão norteadas pelas interações discursivas estabelecidas com os interlocutores, considerando que o mundo das vivências nos chega por meio da linguagem. As ações a serem empreendidas serão traçadas a partir do diálogo com os saberes da coletividade, com os sujeitos e os sentidos que atribuem às suas experiências.

Romper os muros que isolam a universidade da “vida lá fora”, propor práticas de escuta das/nas comunidades envolvidas, estabelecer uma interlocução realmente democrática e inclusiva, que não silencie a voz do outro, constitui o primeiro movimento para que o ato responsável e responsável seja compreendido “na sua unidade concreta”, isto é,

“assumir o ato não como um fato contemplado ou teoricamente pensado do exterior, mas assumido do interior, na sua responsabilidade” (Bakhtin, 2017, p. 80).

Referências:

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal.** Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **M. Para uma filosofia do ato responsável.** Tradução Valdemir Miotello e Carlos A. Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 54. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Tradução, notas e posfácio Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.
- VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. A palavra e sua função social. In: Volóchinov, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução e introdução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 306-336.

Questão 04: De que forma a leitura vivida como intervenção e participação tem potencializado ações transformadoras em grupos, comunidades, empresas, escolas e outras instituições, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, crítica e sensível às diferenças?

Prof^a. Dr^a. Ângela Castelo Branco⁴

Casa Tombada

Podemos dizer que há muitas formas de leitura, dentre elas uma mais funcional, na qual precisamos corresponder às demandas e escolhas do dia a dia, é mais rápida e se alinha ao burburinho do nosso cotidiano. Lemos para preparar um trabalho, para participar de uma aula, no ônibus etc. E há também uma leitura mais despretensiosa, em que recuamos na aceleração do tempo e escolhemos textos de acordo com uma outra lógica, talvez mais meditativa, o que nos impulsiona é uma espécie de desejo de intimidade conosco e com o mundo, com nosso mistério, com aquilo que não sabemos, com o nosso porvir.

Se na primeira lemos para participar do mundo, na segunda recuamos para mergulhar ainda mais nele. Ou seja, o mundo faz parte do DNA da leitura. E, claro, um tipo de leitura alimenta o outro.

Ambas nos exigem uma dose de hospitalidade, de “baixar a guarda”, de suspender nossos juízos e ideias pré-concebidas de tudo para nos entregarmos a uma fusão. Assim como disse Maurice Blanchot: *mais ignorância que saber* (*O espaço literário*, p. 192).

Não podemos perder essas duas dimensões de leitura e, em nossas aulas, nossos grupos, nossos encontros elas devem estar presentes. Cavar espaço para o não saber, para o espanto, para um futuro que ainda não está dado, paginado.

Trata-se de abrir espaço para imaginar outras formas de vida, outros mundos, de ligar nossa existência a muitos outros existires, de encontrar pontos comuns nas diferenças. E essa prática é de uma potência sem fim e não tem volta.

Somos testemunhas de transformações desde o cerne: palavras que eram reproduzidas aleatoriamente passam a ser cuidadosamente pensadas, pessoas que não se autorizavam a escrever que passam a produzir seus próprios textos por uma necessidade pessoal e exercitando uma língua própria, memórias que estavam soterradas passam a ser narradas e pesquisadas com primor, detalhes de uma vida que foi sendo esquecida em nome de

⁴ Doutora em Artes pelo Instituto de Artes da Unesp-SP. Fundadora da Casa Tombada- Lugar de Arte, Cultura, Educação. Criadora do curso de pós-graduação Gestos de Escrita como prática de risco.

um sistema que generalista vai ocupando seu lugar no mundo e transformando-se com ele.

Ou seja, as práticas da leitura nos põem em movimento, tiram as coisas de lugar, contam-nos que o mundo não está pronto, desestabilizam as estruturas colonialistas de saber/poder que querem que tudo esteja previamente organizado e explicado: e não é justamente isso que queremos?

Questão 05: Como a leitura pode se constituir em escuta atenta e construção de sentidos e tornar-se momento de fruição e conexão com a beleza e a leveza em meio aos desafios contemporâneos?

Catalina Pages⁵

Instituto Braudel

A leitura demanda tempo e exige uma escuta atenta que abre espaço para a descoberta do que não sabemos, mas sentimos vivo dentro de nós. Por meio da leitura, somos convocados a sair das exigências do tempo presente e mergulhamos nesse outro tempo que pulsa dentro de nós.

Neste ritmo acelerado da vida contemporânea, a literatura representa um lugar de repouso, onde esquecemos de nós mesmos, para nos deixar conduzir pelos escritores que mergulharam nos mistérios do mundo.

A literatura nos conecta com tantas outras vidas, histórias e personagens que, muitas vezes, nos conhecem melhor do que conhecemos a nós mesmos. Por meio das obras, descobrimos a essência e a beleza da experiência humana.

A literatura é também um espaço de sonho em que emerge o nosso eu mais genuíno, porque somos atravessados por esse Grande Tempo que rege a nossa vida: o inconsciente.

⁵ Diretora pedagógica e idealizadora do programa Círculos de Leitura, do instituto Braudel. Graduada em Filosofia pela UERJ E Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.